

## **Educação e pandemia: conflitos e aprendizados?**

**Ana Maria Ramos Sanchez Varella**

<http://lattes.cnpq.br/9470675519276604>

### **Resumo**

A partir de março de 2020, surge um novo comportamento em nossa sociedade. Permanecer em casa, em “home office” para não correr o risco de contaminação pela COVID 19. Na área da Educação, escolas suspenderam suas atividades e toda programação para o ano foi deixada de lado. Professores, alunos, Instituição de Ensino tiveram de se reinventar em poucos dias. A pergunta que se estipula nesse texto é se educação e pandemia poderão deixar marcas de conflitos e supostos aprendizados?

**Palavras-Chave:** Educação, Pandemia, aprendizados.

### **Abstract**

As of March 2020, a new behavior emerges in our society. Staying at home, in a home office so as not to run the risk of contamination by COVID 19. In the area of Education, schools suspended their activities and all programming for the year was left aside. Teachers, students, Educational Institution had to reinvent themselves in a few days. The question that is stipulated in this text is whether education and pandemics can leave marks of conflicts and supposed learnings?

**Keywords:** Education, Pandemic, learnings.

### **Introdução**

Estamos no ano de 2021. Ao resgatar alguns escritos de Varella e Fazenda [1], em sua obra de 2016, “Sementes de Gentilezas” afirmaram que estavam vivendo momentos de solidão, de coração trancado, de mentes atropeladas por inúmeras notícias que gostariam de não ouvir. Questionaram o que estava acontecendo novamente com o homem? Mais sofisticados em tecnologia, em comunicação geral, mas onde estava ficando a importância plena do ser? Do saber ser? Do saber idealizar? Abraços, delicadezas, sensibilidade, gentilezas, em que planos estavam? Se cada um pensa em si, como se sair bem? Como ultrapassar ideias, mesmo revendo as mais antigas? Como perseverar?

Não houve tempo para esses questionamentos serem respondidos e sem ninguém esperar veio a COVID19, que levou a óbito somente no Brasil, até junho de 2021, mais de 500.000 pessoas. No mundo não é diferente, diferentes crises de todas as ordens já mataram milhares de pessoas e o vírus tem sido um devastador de pessoas. O homem precisa exercitar movimentos transformadores do pensar, do agir, do sentir. Que tempos! Pessoas disputam lugar para dormir não mais debaixo de pontes apenas, mas em calçadas, cantos, ruas, valas. Algo dentro de nós já apodreceu, que tristeza. Onde ficou o olhar para o outro? O recado da vida é a sublime sabedoria de retirar até mesmo da inconveniência o aprendizado para ressignificar-se. Segundo as autoras [1], podemos pensar e fazer diferente, podemos resgatar e incentivar a humanidade que há dentro de nós. Com pequenas ações, poderemos tocar corações, ajudar na modificação de comportamentos. Trabalho incansável de quem se diz educador. Nenhuma ação se realiza, se não houver integração, compartilhamento, humildade, vontade, união, fraternidade, generosidade, parceria, comprometimento, responsabilidade, vontade, gentilezas. Para Varella [2] é preciso prestar atenção ao não dito das pessoas. É uma habilidade que deve ser construída, refinada, captada. Tudo depende de um movimento e o tempo aos poucos nos preenche com esclarecimentos e nos torna mais acessíveis para respeitar o caminhar do outro. Assim se desenvolve a escuta sensível, que não é um processo rápido, requer estudo, paciência, aprendizado, desprendimento, é o prestar atenção nas pessoas, deixá-las se expressar livremente.

Estamos sendo chamados para refletir, afinal continuamos vendo o Brasil vivenciar a maior crise de empregos dos últimos 30 anos. A crise financeira instalou-se em nosso país, a crise moral, a crise internacional, a crise do desespero de mortes.

As transformações chegam, independentemente de nossas vontades. Estamos vivenciando esse movimento na atualidade. Uma pandemia que veio sem avisar e que pegou a todos desprevenidos. O sentido do desafio na busca da resiliência, como discute Varella [8], vêm de encontro aos desafios atuais. As famílias de maior poder aquisitivo, no início da pandemia, em março de 2020, isolaram seus idosos, que devido à letalidade do vírus poderiam ser as primeiras vítimas de contaminação. Foram afastados das crianças, dos mais jovens e de tudo que fazia parte de sua rotina de ação e de movimentos. No entanto, as famílias de menor poder aquisitivo, morando em pequenos cubículos, ficaram entregues à sorte de não se deixar contaminar por aqueles que tinham de seguir a vida trabalhando. E na educação a confusão se instalou: de aulas

presenciais a aulas virtuais em curto período, sem direito à adaptação. Como educar crianças e adolescentes *online*, se nem mesmo possuem computadores ou celulares capazes de ajudá-los a acessar redes escolares? Para esse público houve entrega de material pedagógico físico. Na área da Educação ficou clara a falta de preparo das Instituições, da Prefeitura e do governo, que deixaram passar vários meses para acionar canais de continuidade escolar. Algumas instituições anteciparam as férias e de nada adiantou, porque tiveram de se adequar ao virtual, mesmo sem muitas condições. As diferenças entre as escolas públicas e privadas se acentuaram. Os gestores não se deram conta disso. Por outro lado, os professores sofreram muito, não haviam se preparado para o exercício diário da tecnologia e não havia tempo hábil para essa adaptação. Tiveram de entrar nas aulas abertas, ao vivo e assumir seu lugar de protagonista.

E as famílias? Como foi a adaptação? No início as que mantinham seus filhos em escolas privadas, tiveram de incluir, além da sua atividade desenvolvida em casa em “home office”, ajudá-los a participar das aulas virtuais. Muitos pais literalmente se desesperaram com mais essa tarefa diária. Insatisfeitos com o que a vida estava mostrando em todos os sentidos, ainda tiveram de ficar frente a mais problemas de seus filhos. Tiveram de esperar, de aceitar o que estava sendo preparado amadoramente pelos professores. A princípio, consideraram as aulas pouco produtivas, embora entendam que no decorrer do processo os alunos passaram também a se adaptar à nova realidade, aproveitar esses encontros para um pequeno desenvolvimento. Perceberam que nessa adaptação do presencial para o virtual seriam necessários procedimentos diferenciados. Não é possível querer continuar com um conteúdo que foi preparado para ser presencial que seja aplicado igualmente no processo virtual. O que parecia ser uma situação momentânea, tornou-se um tormento.

No final de 2020, as escolas privadas estavam preparadas com todos os cuidados e protocolos para receber seus alunos, mas as públicas não. Esse foi um dos motivos do adiamento da abertura das escolas e da volta dos alunos para as salas presenciais. Quando puderam reabrir, foi com muitas restrições, com exigências de protocolos impostos pelos governos de Estado.

**Nesta análise, o que se percebeu pontualmente?** Ficou nítida a falta de repertório de muitos profissionais. Veio à tona a pobreza da formação de profissionais na área pedagógica. Trabalho em excesso, horas para preparar exercícios, que chamassem a atenção dos alunos, principalmente da área infantil.

Enfim foi um teste muito desesperador para a Educação. Muitos professores não conseguiram seguir, muitos até também por falta de computadores adequados ou mesmo celulares que comportassem toda essa tecnologia. Foi testada a resiliência da família, que se esbarrou com o enfrentamento diário da convivência, que por falta de tempo não acontecia há muito. Casais se reencontraram e reviram suas diferenças. Pais enfrentaram suas crianças sem limites, cheios de vontades e mimos. Na família, foi o encontro obrigatório com a realidade desenvolvida e pouco exercitada. Famílias menos privilegiadas tiveram de deixar suas crianças para sair de casa arriscando-se ao vírus, para trabalhar. Uma realidade inesperada! Uma única certeza: Todos estavam à prova de sua resiliência, de sua força, de encarar novas realidades.

Frente aos fatos aqui apresentados, o objetivo deste artigo foi captar em uma escuta com sensibilidade as ações e movimentos “escondidos” nas palavras de alguns Educadores do Sul do país.

## **Metodologia**

Em meio ao caos da pandemia da COVID 19, a pesquisadora Ana Maria Varella recebeu um convite para ministrar um curso na plataforma virtual para professores do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina. Convidou seus parceiros, também pesquisadores, para acompanhá-la, os Doutores Fátima Aparecida Arantes Sardinha e Jerley Pereira da Silva. Foi um convite renovador, porque cada detalhe foi pensado cuidadosamente. Teria de ser aplicado um método que pudesse deixá-los livres para terem voz, afinal seriam dez horas juntos, com a oportunidade única de poder trocar muito com esses professores. Resiliência e Interdisciplinaridade foi o tema escolhido para iniciar as reflexões.

O primeiro movimento instaurado na aula remota, foi dar aos professores participantes a oportunidade do exercício da fala livre. Eles se surpreenderam e puderam desabafar suas realidades, suas angústias, suas crises, o momento do tempo cronológico e Kairológico.

Ouvir as pessoas sem criticá-las, estabelece uma sintonia de confiança e liberdade. Os professores alunos perceberam que os Professores aplicadores do método abririam canais para ajudá-los a se rever, a enfrentar com mais tranquilidade e sabedoria as crises, as situações difíceis já instauradas.

A Interdisciplinaridade se apresentou com gentileza, nessa sensibilidade de escutar, respeitar o momento do outro, suas dificuldades. Expressaram-se livremente e se posicionaram. Foram apresentando os momentos vivenciados e foram surgindo pontos favoráveis e desfavoráveis vivenciados por eles, pelos alunos, pela família e para a aprendizagem.

Quarenta e oito professores (n=48) participaram e responderam algumas perguntas. Foram utilizados para este estudo apenas pontos favoráveis e desfavoráveis vivenciados por eles durante os encontros abertos que tiveram com seus alunos.

### **Resultados e discussão**

A observação nos mostrou que os professores estavam emocionados em seus depoimentos, alguns cansados, outros estressados, fizeram diferentes movimentos. Ao mesmo tempo puderam narrar o quanto nesses meses puderam criar, inovar, movimentar e transformar os ambientes virtuais em momentos agradáveis e produtivos. Nos dados coletados, na visão desses professores houve mais pontos positivos para eles do que para os alunos, ainda que tivessem relatado baixo percentual de pontos desfavoráveis para a aprendizagem e menor prejuízo para os alunos. Importante reforçar que a visão é unilateral, uma vez que alunos e familiares não foram ouvidos neste contexto.

No entanto, a voz desses professores poderá levar outros professores a se identificar, a acrescentar, a refletir e colaborar com crianças e adolescentes, pais, famílias inteiras que desejam a educação verdadeira para este país. Neste sentido, educando e educador são sujeitos de uma mesma situação e a eles caberá, em conjunto, a decifração do mundo [3].

### **Qual o grande desafio para a Educação com tudo o que se está vivendo?**

É um dos maiores testes dos últimos tempos para todos os envolvidos na Educação. Além da coordenação pedagógica, além da diretoria, além do dono da escola, além da vida do professor, existem mais aléns. O que pudemos ver destacados nas falas dos professores, principalmente o excesso de trabalho, a preocupação com o conteúdo a ser ministrado. Eles precisam de acolhimentos. A luta maior do momento é além das preocupações profissionais, olhar para si e

perceber-se vulnerável ao medo, às incertezas, à finitude. Um vírus desestabilizou a sociedade, mostrou que a diferença social não livra ninguém do perigo. A única certeza é que todos querem continuar vivos e seguir buscando, fazendo, aprendendo.

A palavra medo surgiu escancarada. Os professores tiveram de aceitar mudanças rapidamente. Novos conteúdos, novos métodos, cronogramas e planos de ensinamentos engessados tiveram de ser modificados. Mesmo o professor mais resistente a mudanças teve de mudar. Teve de entender pela força da circunstância o que é uma adaptação ao novo. Ele foi convocado a ser interdisciplinar, a construir projetos interdisciplinares, O que antes era apenas um convite, teve de fazer parte do seu dia a dia. Hoje não há como a incompetência ficar escondida na sala dos professores ou mesmo nas salas de aula, principalmente porque não há sala de professores. Não há mais lugar para os acomodados, para aqueles que se escondiam atrás dos projetos dos outros professores. Não há lugar para críticas infundadas. Todos estão expostos, repertório, a falta dele, a comunicação com clareza ou a falta dela. Nunca o professor foi tão analisado, sua linguagem, seu posicionamento, seus erros e acertos. Tudo está escancarado. As aulas abertas são apresentadas no aqui e agora. As famílias literalmente entraram com seus filhos não apenas dentro do espaço escola, mas penetraram na sala de aula, o lugar anteriormente sagrado, local de privacidade, de trocas entre professor e aluno. Que modificações poderiam ser realizadas para que os estudantes pudessem realmente aproveitar o tempo na escola para desenvolver repertórios e criatividade? [1;5]. E agora, em meio à pandemia, com aulas virtuais, quanto poderia ser retirado dos estudantes, modificando a ordem do aprendizado? De que adianta continuar, inserir conteúdos e desperdiçar a chance de recolher dessas pessoas todas envolvidas o que sentem, a forma como estão enfrentando toda essa situação.

Fala-se muito em criar cursos para atender à demanda de um novo tempo. Que tempo é esse? O que esperamos dele? Quem faz parte dele? Mudar significa desejar conscientemente movimentar-se, para conhecer o que já existe e dar vazão a ideias transformadoras e não apenas ficar preso a velhas ideias, sem desejar que o novo também tenha a oportunidade de ser mostrado, explorado [1;4]. É possível construir um novo perfil de profissional capaz de estar aberto a novos campos de conhecimento?

As crianças da Educação Infantil precisam estar com um adulto para acompanhar as aulas abertas, para evitar a dispersão do pensamento. Os jovens, os que já tinham acesso a computadores, lidam com maior habilidade a ferramenta, mas sua atenção é descontinuada.

Muitos professores ainda não perceberam de que maneira podem aproveitar com maior eficiência o conteúdo a ser ministrado. Os jovens não precisam apenas do que já encontram nas plataformas. Os professores que conseguem ser interdisciplinares, entendem a riqueza do que podem desenvolver em ambientes virtuais, seja criação, projetos etc. Por outro lado, há exigências para que o professor faça o melhor para representar a Instituição. Quem vai acolher quem?

O que é aprendizagem para este momento? O que é necessário para ativar, mexer, remexer com os aprendentes? Quem não estiver preparado para renovar-se, está fora do jogo da aprendizagem. Olhar para uma tela de computador e encontrar apenas “um nome” é desesperador para o professor, que sempre valorizou “o olhar” para “o olhar do outro”. A aprendizagem terá de encontrar novos focos de atenção.

Percebemos mais diretamente que somos finitos e que temos mais do que precisamos. Se já estávamos acelerados, tudo piorou. Foi acelerado nosso tempo de aprendizado. As famílias se subdividiram em espaços diferentes para ficar *online*. Aumentou o número de invisíveis de nosso país, além dos conhecidos mais alguns milhões apareceram em situação de vulnerabilidade social. Enquanto a medicina esclarece a população a cuidar de si, de sua higiene, pelo menos lavar a mão com água e sabão, fica clara a realidade de famílias em condições precaríssimas, que vivem sem água encanada, sem produtos mínimos de higiene, que se alimentam minimamente. Para esses onde fica a educação? O aprendizado? Uma realidade foi mostrada ao mundo. Escancarou-se a pobreza do Brasil. A carência, a pobreza a falta de cuidados e oportunidades de melhoria. Volta a questão muito bem colocada pela Interdisciplinaridade, “o sentido”. Qual é nesse momento o sentido de vivermos trancados, problemáticos, ansiosos, deprimidos, angustiados, administrar crises familiares? Há a invisibilidade das famílias que viviam no silêncio e passaram a ter de conversar...descobriram que melhor era permanecer no silêncio. A pandemia apenas abriu espaço para clarear o que há muito estava escondido.

Por outro lado, mostrou a força dos professores, a união de todos teve de ser fortalecida. Não existe mais a figura do coordenador isolado, estar junto de e com, é a condição da atualidade escolar. E se a escola continuou viva os pais, também, têm a contribuição necessária. Fizeram

a educação funcionar do jeito que foi possível. Não há certo ou errado, há diferenças de atuações.

Os pais não necessariamente precisam ser os professores de seus filhos, mas aproveitar os conteúdos ministrados e mostrar na prática o que aprenderam.

É a vivência evidente da Interdisciplinaridade [1-7], que demorou décadas para ser compreendida e colocada na prática. É o momento do discurso e ação em movimento, com coerência, cada um respeitando o conhecimento do outro, a falta de repertório do outro. O momento da resiliência.

### **Considerações finais**

Atrás das “telas” tem um humano, que pensa, que sofre, que ri, que precisa de atenção. Não haverá nada que afaste os que desejam olhar profundamente o outro.

Considerando os objetivos deste estudo, foi possível considerar que há necessidade de ouvirmos também os Educandos, mas também os pais, personagens na atualidade, extremamente envolvidos neste cenário.

Os Educadores mostraram-se abertos à escuta, como uma necessidade de autoavaliação? Não sabemos, mas, o autoconhecimento do profissional, sua vontade de movimentar e transformar com gentilezas será uma luz nesse período de inseguranças. Lembrar que tudo pode ser um acréscimo ao currículo. A aprendizagem existe com e apesar da escola e dos professores. Por esse motivo a união de pais, escola, alunos e professores é fundamental. A resiliência vem fechar este texto porque é ela que nos impulsiona a viver e ter força de superação [8;9]. É incrível pensar que a escola, um espaço concreto também pode ser resiliente e criar vínculos que faltavam. Caberá a seus dirigentes não desperdiçar essa chance de aceitar a parceria dos pais, dos professores, dos alunos e de todos envolvidos para ultrapassar todas as barreiras que foram apresentadas em um momento profundo de crise. Uma escola mais gentil, com ações mais gentis, com a descoberta de que o mundo precisa de mais projetos sociais que abracem a todos.

## Referências

A.M.R.S.Varella e I.C.A.Fazenda. **Projetos e Práticas interdisciplinares; movimento e transformação?** Volume 1: Sementes de gentilezas, São Paulo, 2016, 28p.  
ISBN 98-85-9254-00-0

A.M.R.S.Varella e I.C.A.Fazenda. **O momento atual da Interdisciplinaridade:** estudos de 2012 a 2014, São Paulo, 2016, 122p.  
ISBN 978-85-920945-0-8

I.C.A. Fazenda. (Org). **Interdisciplinaridade na formação de professores:** da teoria à prática.  
Canoas: ULBRA, v.1, 2006, 190p.

I.C.A.FAZENDA, (Org.). **Metodologia da pesquisa educacional.** 10.ed. São Paulo: Cortez, 1989. V. 01. 174 p.  
ISBN: 9788524902277

A.M.R.S. Varella. **A comunicação interdisciplinar na educação,** São Paulo: Escuta, 2008, 160p.  
ISBN 9788571372832.

I.C.A. Fazenda. **Interdisciplinaridade:** qual é o sentido? São Paulo: Paulis, 2003, 85p.  
ISBN 9788580425253.

I.C. A.Fazenda. **Integração e interdisciplinaridade no ensino brasileiro.** São Paulo: Loyola, 2011.  
ISBN 9788515005062

A.M.R., Varella. **A resiliência e a interdisciplinaridade.** Revista Interdisciplinaridade, São Paulo: PUC; p.38-44, 2010.  
ISBN 21790094

L. Barlachl; A.C. Limongi-França; S. Malvezzi. O conceito de resiliência aplicado ao trabalho nas organizações. R. Interam Psicol, v.42, n.1, pp. 101-112, 2008.  
ISSN -0034-9690